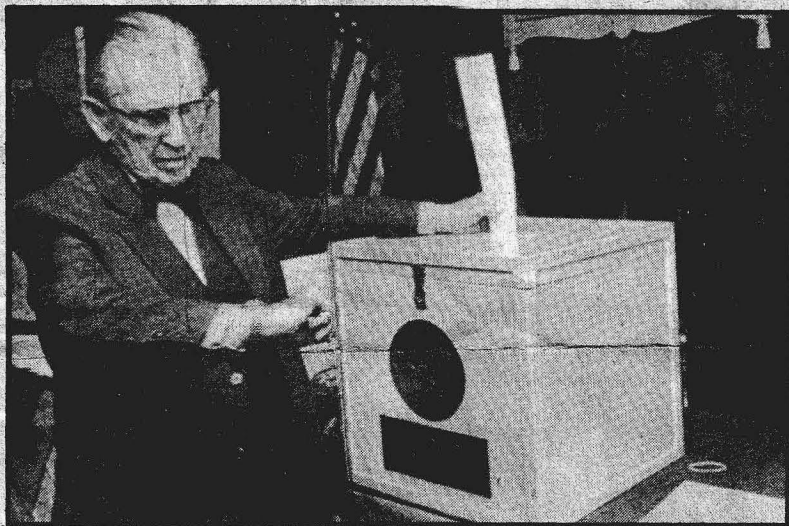




Eleições nos EUA: urnas são cada vez mais raras em um processo ágil

Máquina de votar torna mais rápida a apuração

CLÁUDIO LESSA
Correspondente

Washington — Claro, nem tudo é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil, mas se o eleitor brasileiro quer ver resultados mais rápidos — e provavelmente menos sujeitos a fraudes — em suas eleições, deve se movimentar no sentido de estender a descentralização administrativa também ao Poder Judiciário.

Nos Estados Unidos, os resultados oficiais de eleições para presidente são conhecidos, quase sempre, por volta de meia-noite, tomando-se por base o fechamento de uma seção eleitoral em torno das cinco ou seis da tarde. Como se consegue isto? A resposta, segundo Fred Elland, da Federal Electoral Commission, está única e exclusivamente na descentralização.

A Comissão Federal Eleitoral para a qual Fred trabalha, aliás, é responsável apenas pela regulamentação geral e observação do processo como um todo, a um nível que não tem nada a ver com a preparação das urnas, escolha dos locais de votação, preparação do pessoal, muito menos com a apuração dos resultados. Isto tudo é feito a nível estadual, obedecendo, ainda por cima, às peculiaridades da legislação eleitoral de cada um dos 50 estados, que são diferentes umas das outras.

Automação e informática também ajudam, e muito. Não existe mais a cédula de votação nos Estados Unidos. O eleitor entra dentro de uma cabine, onde à sua frente está um grande painel cheio de pequenas chaves. Sabendo ler, o eleitor faz suas escolhas, além de dar sua opinião sobre assuntos de natureza local, comunitária — e nem sempre de caráter decisivo — geralmente acoplados ao processo eleitoral, como se fosse uma gigantesca pesquisa de opinião pública.

Esta máquina de votar registra automaticamente os votos de cada eleitor e vai acumulando os totais, como uma máquina de somar comum. Ao final

do dia, os responsáveis pela seção abrem as máquinas, anotam os totais e os enviam para a zona eleitoral à qual pertencem. A partir daí, os funcionários encarregados da apuração — geralmente pessoal interessado em política ou simplesmente disposto a ganhar um dinheiro extra, por um dia de trabalho — digitam os totais recebidos das diversas seções e realizam o trabalho de cálculo através de computadores, conseguindo fechar o processo com rapidez e pequena margem de erro.

E os jornais, as rádios, as grandes redes de televisão? Como conseguem cantar a vitória de um candidato rapidamente? Basicamente, durante o dia, enquanto a votação está sendo realizada, as pesquisas são feitas com base nas respostas dadas pelos eleitores à saída dos locais de votação. Essa boca-de-urna (expressão meio sem sentido, nos EUA, já que não existe uma urna propriamente dita) é conhecida como projeção, e é, com o decorrer da noite, substituída pelos resultados verdadeiros.

A diferença de tempo entre o anúncio feito pelas redes de televisão e o resultado oficial é bem pequena, porque o pessoal envolvido na reportagem só pode ter acesso aos números no momento em que eles são liberados pelas autoridades locais — e a corrida, no caso, se reduz a qual das *networks* vai reportar primeiro.

Para acelerar e aperfeiçoar o processo de reportagem dos números apurados, as grandes redes de televisão americanas chegaram ao ponto de jogar dinheiro numa organização, sediada em Nova Iorque. A *News Election Service* aperfeiçoou enormemente, com o passar dos anos e principalmente com a repetição sistemática do fenômeno conhecido como eleição, seu sistema, de maneira a permitir que, na noite do mesmo dia da eleição, a população tome conhecimento dos resultados através dos meios de comunicação, com um nível de contestação praticamente nulo.